



Latino

América

Integração & Desenvolvimento
Integración & Desarrollo

Ano 1 N° 3 -Especial
Março-Abril 2016

América
Nuestra Latina:

DEZ VISÕES ORIGINAIS

← *e* →
uma nem tanto

América
Nuestra Latina:

DIEZ VISIONES ORIGINALES

← *y* →
una no tanto



Editorial

A **Revista Latinoamerica** edita, desta vez, um Número Especial a propósito da emblemática realização do XXI ENERI [Encontro Nacional de Estudantes de Relações Internacionais] na UNILA [Universidade Federal da Integração Latino-americana] em Foz do Iguaçu, fronteira trinacional Argentina - Brasil Paraguai.

O sensível artigo do economista e escritor Gentil Corazza atualiza uma discussão crucial para a América Latina e para o povo latino-americano: qual a nossa identidade e até quando nos permitiremos aceitar que os nossos “descobridores” a usurpem? O artigo está perfeitamente inserido no contexto da atual crise internacional e seus desdobramentos nos países periféricos, tanto a nível de suas economias dependentes quanto a nível de suas sociedades, cujas elites dominantes são política e culturalmente alienadas aos interesses falidos dos impérios.

No site, o Professor Nildo Ouriques, presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC, convida para a 12ª. edição das Jornadas Bolivarianas **Os rumos da crise na América Latina**, de 23 a 25 de abril, em Florianópolis. E o Profº Niemeyer de Almeida Filho, presidente da SEP- Sociedade de Economia Política, do Brasil, convida ao **XXI ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA que vai abordar “A Economia Política da Recessão”**, de 31/05 a 03/06/2016 na Universidade Federal do ABC, SP, Campus São Bernardo do Campo.

Passamos a palavra a vocês, caros leitores, aguardando vossos comentários no site www.revistalatinamerica.com.

La **Revista Latinoamérica** edita, esta vez, un número especial debido a la emblemática realización del XXI ENERI [Encuentro Nacional de Estudiantes de Relaciones Internacionales] en la UNILA [Universidad Federal de la Integración Latinoamericana], en Foz de Iguazu, frontera trinacional Argentina Brasil Paraguai.

El artículo del economista y escritor Gentil Corazza actualiza una discusión crucial para América Latina y para el pueblo latinoamericano: ¿cuál es nuestra identidad y hasta cuándo nos permitiremos aceptar que nuestros “descubridores” la usurpen? El artículo se inserta perfectamente en el contexto de la actual crisis internacional y sus desenlaces en los países periféricos, tanto a nivel de sus economías dependientes cuanto a nivel de sus sociedades, cuyas elites dominantes son política y culturalmente alienadas a los intereses fallidos de los imperios.

En el sitio web, el profesor Nildo Ouriques, presidente del Instituto de Estudios Latinoamericanos de la UFSC, invita a la 12ª edición de las Jornadas Bolivarianas **Los rumbos de la crisis en América Latina**, del 23 al 25 de abril, en Florianópolis. Por otro lado, el profesor Niemeyer de Almeida Filho, presidente de la SEP Sociedad de Economía Política, de Brasil, invita al **XXI Encuentro Nacional de Economía Política, el cual abordará “La Economía Política de la Recesión”**, del 31/05 al 03/06/2016 en la Universidad Federal del ABC, SP, Campus São Bernardo do Campo.

Dejamos la palabra con ustedes, queridos lectores, mientras aguardamos sus comentarios en la página www.revistalatinamerica.com.

Luisa Moura
Editora Chefe/
Editora Jeve

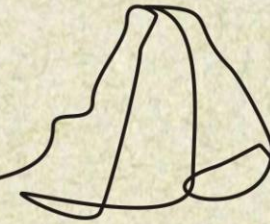
Latinoamerica

Conselho Editorial:

Alai Diniz
Carlos Alberto Santos
Célio Bermann
Gentil Corazza
Ildo Sauer
Luciano Wexell Severo
Marcus Vinicius de Andrade
Nilson Araújo de Souza
Paulino Motter
Vitorio Oxilia
Paulo Eduardo Nunes de Moura Rocha
Sidney Ferreira Leite

Expediente :
Luisa Moura - Editora Chefe
Lia Bressan - Secretária de Redação
Mariana Moura - Redatora Chefe
Angela Garofali - Tradução
Alexandre Souza - Ilustrações e Diagramação
Alexandre Andreatta - Site

contatorevistalatinoamerica@gmail.com



Sumário

Ano I N° 3
Março-Abril 2016



Tzvetan Todorov e a crise
identitária original da
America Latina
Pág. 06



Carlos Fuentes e a visão
das raízes culturais
latinoamericanas
Pág. 08



Miguel Rojas Mix e a
descolonização do
imaginário coletivo
Pág. 11



Gabriel Garcia Marques
e o inconsciente
coletivo latino-
americano



Alejo Carpentier e a privação
da democracia nos países
latino-americanos
Pág. 15

Gentil Corazza e os
horizontes abertos para
America *nuestra* Latina
Pág. 32



Miguel Angel Astúrias e a
narrativa dos regimes
ditatoriais na América Latina
Pág. 17



Júlio Cortázar e a visão
critica das esquerdas
latino-americanas
Pág. 20



João Guimarães Rosa e o
universal do regional
Pág. 23



Eduardo Galeano e os 500
anos de exploração histórica
da América Latina
Pág. 27



Graciliano Ramos e a
repartição da terra na
América Latina
Pág. 29



América Nuestra Latina:

DEZ VISÕES ORIGINAIS

ε
uma nem tanto

América Nuestra Latina:

DIEZ VISIONES ORIGINALES

Y
una no tanto

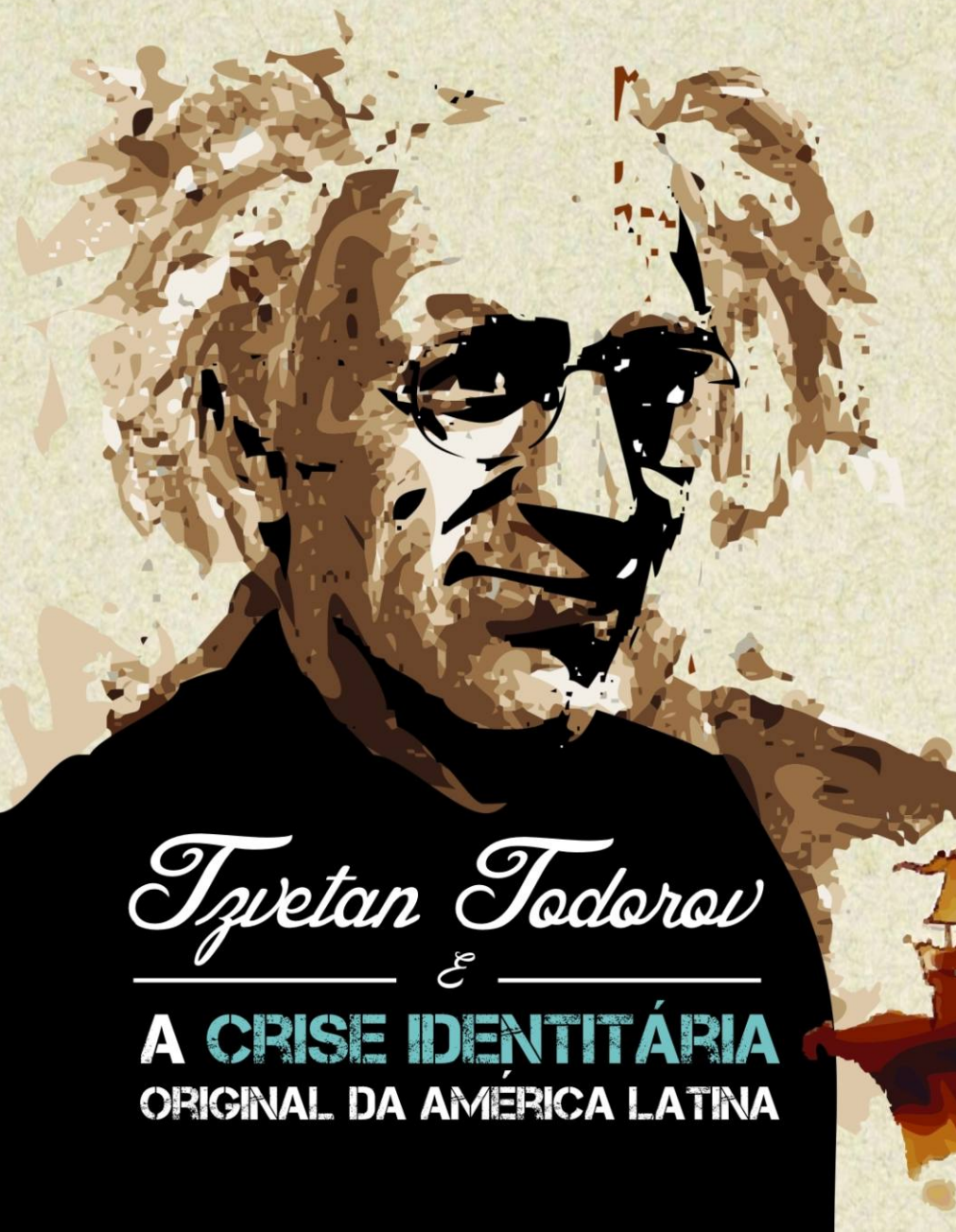
Por **Gentil Corazza**

Economista e Pesquisador Sênior da
Universidade Federal da Fronteira Sul

Este é um texto literário, inspirado na leitura de dez livros de autores latino-americanos, quase todos romances, relacionados com a realidade da América Latina. O objetivo principal consiste em ressaltar em cada obra a visão de seus autores sobre alguma dimensão relevante de nossos povos e países, sua história e suas culturas. A escolha dos autores e das obras foi um tanto aleatória, não obedecendo a nenhum critério específico, quer de país, de temática ou estilo literário. As análises de cada obra também não são simétricas entre si, diferentes que são no conteúdo e na forma, de acordo com a inspiração sugerida por cada texto no momento de sua leitura. Em alguns textos, como no caso de *A conquista da América*, *Los cien nobres de América Latina* e *Las venas abiertas da América Latina*, a relação do tema da obra com a realidade da América Latina era mais direta e fácil de ser feita. Em outros, no entanto, como no caso de *Grande Sertão: veredas* e *Vidas Secas*, foi necessário um esforço maior para estabelecer esse diálogo entre o tema da obra e a realidade latino-americana. No final, após ter traçado este painel, uma espécie de mosaico de temas e visões originais, procuro esboçar, literariamente, minha própria visão, nem tanto original, sobre esta América *nuestra* Latina.

Iniciamos com o texto de Tzevetan Todorov, *A Conquista da América*, um relato histórico-cultural sobre o significado do processo de colonização das novas terras. Miguel Mix, em seu *Los Cien Nombres de*

América Latina, realça o problema da identidade una e diversa das nações latino-americanas. Nos *Cien Años de Soledad*, de Gabriel Garcia Marques, sobressaem os traços históricos e culturais de Macondo, esta fantástica alegoria latina narrada pelo escritor. Eduardo Galeano, em seu consagrado livro, *Las Venas Abiertas de América Latina*, aborda a temática da histórica e atual exploração de nossos recursos naturais pelas empresas multinacionais. *Terra Nostra*, de Carlos Fuentes, trata da história e das raízes culturais ibero-americanas. *El Señor Presidente*, de Miguel Angel Astúrias, e *El recurso del método*, de Alejo Carpentier, falam dos regimes militares repressivos que, em muitos momentos de sua história, dominaram quase todos os países latino-americanos. Em contraponto, *El libro de Manuel*, de Julio Cortázar, trata da temática da revolução e dos movimentos revolucionários, que também marcaram muitos momentos da nossa história política comum. Por sua vez, as obras de dois autores brasileiros, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, abordam uma temática essencialmente regional brasileira, o sertão e a vida sertaneja, obras que no seu autêntico regionalismo escondem ou revelam uma dimensão profundamente universal e, por isso, também, essencialmente latino-americana. Como já ressaltamos, o objetivo principal deste esforço não foi fazer uma análise histórico-sociológica, mas escrever um texto literário, relacionando literatura e realidade latino-americana, em alguma de suas múltiplas dimensões. ►►



A *Conquista da América* expressa uma visão histórica e antropológica de Tzvetan Todorov sobre o significado dos acontecimentos de 1492 e suas consequências para os povos latino-americanos. Foi um “descobrimen-to” ou uma “conquista” é a pergunta inicial, que está na raiz da crise de identidade, que sofre a América Latina desde aquela época até os dias atuais. Crise de identidade porque a ideologia do “descobrimen-to” ignora a existência anterior e as culturas originais de nossos povos. ►

Tzvetan Todorov
e

**A CRISE IDENTITÁRIA
ORIGINAL DA AMÉRICA LATINA**



Como já diziam os filósofos antigos, que só existe aquilo que se conhece. Descobrir é, de alguma forma, trazer à existência. Para Todorov a “descoberta” foi uma “conquista”, porque implicou reconhecer o outro como algo diferente, a descoberta dos povos originários da América significou o confronto com o outro, tão estranho para os conquistadores, que só podiam ser conhecidos a partir das imagens e ideias que eles tinham de si mesmos. O encontro com o outro foi uma verdadeira guerra de conquista e dominação física, um processo de destruição dos símbolos culturais. Os espanhóis queimaram livros para apagar a religião e destruíram os monumentos, para apagar seu esplendor e sua memória. A conquista foi a negação da cultura do outro. Mais que a destruição física dos monumentos artísticos foi a negação das referências culturais. Descoberta e conquista da América significam um encontro extremo, exemplar, paradigmático, que “anuncia e funda nossa identidade presente”, marca o “início da era moderna”, somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa nossa genealogia, “tempo tão novo e sem igual”, como dizia Las Casas. Na verdade, em 1492, o mundo descobriu nada menos que uma parte de seu todo, um todo ainda desconhecido. Os olhares de uns para os outros também são muito diferentes. Colombo só vê os nativos porque fazem parte da paisagem, vê a nudez, ou a falta de vestimentas, que também são cultura, só observa seu aspecto físico, os corpos das “belíssimas mulheres”. E os nativos como percebem os espanhóis? Ficam maravilhados com os visitantes que parecem vir do céu. A descoberta e a conquista implicam também uma troca, embora muito desigual: os espanhóis dão a religião e os índios dão

ouro e as cobiçadas riquezas materiais. A conquista foi um massacre. “O século XVI veria perpetuar-se o maior genocídio da história da humanidade”. Em 1500, a população mundial era de 400 milhões de pessoas e os povos das Américas somavam 80 milhões, dos quais sobraram apenas 10 milhões. No México, dos 25 milhões sobrou apenas um milhão. Nenhum massacre do século XX tem a dimensão deste genocídio, movido pela cobiça do ouro e praticado em nome da fé. Genocídio civilizatório praticado com requinte de muitas formas, a morte direta, a morte prolongada dos maus tratos e das próprias doenças trazidas pelo mundo civilizado. Muitos eram esquartejados como carne de açougue. Um juiz houve até, que dizia não se preocupar se faltasse água para irrigar as fazendas, pois sobrava sangue indígena para irrigar suas terras. Massacre, genocídio, barbárie foi o traço traçado pelos novos bárbaros em nome da moderna e religiosa civilização. ■



latinoamérica



T

erra Nostra, colossal e fantástica narrativa romanceada do mexicano Carlos Fuentes, aborda as raízes socioculturais profundas dos povos ibero-americanos, a partir da Espanha e da América Latina. A visão de nossas raízes culturais é apresentada através de uma ambiciosa orquestração de vozes sobre a formação histórica da América. ▶

Carlos
Fuentes

&

A VISÃO DAS RAÍZES CULTURAIS
LATINOAMERICANAS

Trata-se de uma história tecida com um enredo múltiplo de várias histórias do passado distante, que sobrevive no presente e dá forma ao nosso futuro comum. Permeando nossa diversidade e nossa fragmentação, real e imaginária, Fuentes lança pontes em busca de nossa quase impossível unidade, fundada nos traços ibéricos e cristãos e nas sobras culturais de quatro séculos de colonização de nossas terras. *Terra Nostra*, uma rica diversidade de narrativas, histórias, lendas e mitos, aparentemente sem nexos, quase um quebra-cabeça, unindo o velho e o novo continente. Como resumir suas 850 páginas em poucas linhas? *Terra Nostra* se estrutura em três partes. A primeira, *el viejo mundo*, a segunda, *el nuevo mundo*, e a terceira, *el outro mundo*, que resulta da mistura do novo e do velho mundo. Na história do velho mundo, a Espanha, personagens conhecidos da literatura se mesclam e refletem seus valores da vida, valores morais deformados da Igreja e do poder. Aquele velho continente dominado pela figura do Senhor feudal, que percorre os campos, ao entardecer, galopando seu cavalo pela plantação, com seus homens armados, chicoteando os trigais, archotes em punho, incendiando a choça do velho camponês, acusado de não cumprir suas obrigações de servo, que ali outra lei não tinha, outra justiça não havia, sua dívida seria paga com a entrega dos próprios filhos, para servir o serviço das armas do Senhor, que segundo os costumes tinha o direito de se servir da noiva do servo, na noite de núpcias, e o Santo Ofício, onde a religião comungava com a violência para impor sua ordem, através do terror, das torturas e da fogueira, *viejo mundo* dos males da civilização cristã, dos males da peste, que tomava conta das cidades, ruas atulhadas de cadáveres em decomposição, nem mais os mendigos ousavam mendigar, tamanha desolação, ironia do destino, só os prisioneiros estavam livres da peste que tomara conta de tudo. Terra do velho mun-

do, terra da desgraça. Não haveria outra melhor, mais livre, mais pródiga? Onde ficaria a sonhada Cidade do Sol? No imaginário daquela velha sociedade reprimida havia o sonho de outro mundo, sem ricos nem pobres, sem poderes arbitrários, onde cada homem seria livre para fazer o que gostasse, onde nada seria proibido e onde cada um poderia amar as pessoas e as coisas que quisesse. No sonhado *nuevo mundo*, o cenário é o México nativo, maia e asteca, símbolo das novas nações latino-americanas, aqui foi onde o velho camponês, um dia aportou, depois de muito navegar, “minha história começa ao aparecer sobre o mar a estrela matutina, última luz da noite, guia dos marinheiros”, parecia uma terra livre, “você não acredita na terra nova que procuro”, novo mundo tão desejado, urgia pisar na nova terra, erguer uma nova vida a partir do nada, dar-lhe nome, lugar e destino, pro velho mundo jamais ▶



Regressar, agora nenhum senhor poderá arrebatá-lo o fruto de meu trabalho, nem incendiar meu lar, nem violar minhas mulheres, nem matar meus filhos, agora tenho meu pedaço de terra, sou um homem livre, veja que maravilha encontrei, uma fruta com água no coração, o saboroso coco, como vinho celeste de tão pura, já não terei mais sede, nem de água, nem de justiça. *El outro mundo* leva a história de volta à Espanha, numa mistura de tempo passado, presente e futuro. O sonho sonhado do novo mundo não só não se realiza, mas faz renascer o pesadelo do velho mundo, a velha sociedade, aquela moral rígida e hipócrita, as mesmas hierarquias e as mesmas distâncias sociais, onde o poderoso só tem direitos e o fraco só tem deveres, no *outro mundo*, onde ficou a sonhada

“terra sem fome, sem opressão, sem proibições, sem falsos deuses, nem falsos papas, nem reis”? O sonho de um mundo, com templos mestiços, pirâmides, igrejas, mesquita e sinagoga juntas em um só lugar? “Não existe tal lugar”? Não, meu amigo, não há, se o procuras no espaço, procure-o no tempo, sonhos sonhados e perdidos, a América espanhola se perdeu no passado, crimes, tiranos, imperialismos e injustiças, eram os quatro naipes desse baralho, aqui, os novos tiranos tinham o nome de caudilhos, eram os Ubicos, Trujillos, Marmolejos, a guarda nacional de Somoza, os Tontonmacoutes de Duvalier, o Dops brasileiro e seus assemelhados latino-americanos, os Pinochets e os Videlas, os batalhões de extermínio em praças públicas, quem não lembra de Maximiliano Martínez em Izalco, Pedro de Alvarado na festa de Tóxcatl e Díaz Ordaz em Tlatelolco. Adeus Utopia, adeus Cidade do Sol, adeus Vasco de Quiroga, Camilo Enríquez, Juárez não devia morrer, nem Martí, nem Zapata, nem Che, adeus Lázaro Cárdenas, Camilo Torres, Salvador Allende, por que no *vuelvem*? A ficção científica sempre urdiu suas tramas em torno de outros mundos, habitados por seres superiores, mas aqui, em *Terra Nostra*, os invasores não chegaram de outro lugar, e sim de outro tempo, não fomos invadidos por marcianos, vindos do futuro, *nuestra terra latina* foi ocupada pelo passado. ■



10

Latinoamérica



Miguel Rojas Mix

A DESCOLONIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO COLETIVO

Los Cien Nombres de América Latina, do chileno Miguel Rojas Mix, coloca a crucial questão da identidade da América Latina. De certa forma, a dúvida de Colombo se projeta como uma sombra sobre o Continente e obscurece sua identidade até os dias atuais. ►



Nossos povos originários foram chamados de “índios”, mas para ser “índios”, tiveram que deixar de ser *astecas, maias, incas, tupis, guaranis*, e assim por diante, tiveram que deixar de ser *abipón, aimará, apache, araucano, auca, azteca, bayá, botocudo, ciaguá, calchaquí, calchín, calpul, caluma, camahua, canaco, caracará, caracas, carajá, carapachay, carapacho, cariacó, caribe, cario, cataubas, cayapo, cayaté, chaima, charca, charrua, chibcha, chichimeco, chontal, chuchumeco, chunchu, cocama, comanche, coronda, gandul, guaraní, iroques, mapuche, maya, omagua, orejón, párparo, patagón, payagua, puelche, quechua, querando, quiché, quichá,, siux, taino, tamanaco, tapuya, tolteca, tupi, yumbo...* Um Continente que nasce sob o signo da dúvida e, como diz Mix, recebe cem nomes, deve necessariamente sofrer de uma crise de identidade. A história da identidade latino-americana é a história dos seus nomes. Cada um carrega um projeto de sociedade. Para superar esta crise de identidade continental, a primeira coisa que Mix nos pede que reflitamos sobre a imagem que nós latino-americanos fazemos de nós mesmos. Devemos superar nossas mentes colonizadas e começar a pensar com nossas próprias cabeças, cultivar um pensamento libertário que procure romper as amarras invisíveis que aprisionam nosso imaginário coletivo. O rico imaginário latino-americano é formado por um conjunto de mitos, símbolos, heróis, história, ficções e alegorias que forjam a identidade dos seus povos. O imaginário é um recurso importante para se analisar a realidade cultural e social de um país e, assim, construir sua identidade. A identidade resulta do entrelaçamento do passado, com o presente e o futuro. Nossa identidade não deve ser buscada no passado e sim em nosso projeto de futuro, como se fosse uma “realidade mágica” capaz de definir nosso imaginário coletivo. Precisamos voltar a descobrir nosso Continente, depois de 500 anos, e

inaugurar um novo período histórico que tenha um nome próprio que nos una a todos. O nome é determinante para a existência e a consciência das pessoas e a marca de sua identidade, é o elemento elucidador de sua identidade. Precisamos buscar nossa identidade como povos, com um passado comum, com um processo histórico singular, devemos convergir para o que nos faz únicos e originais. Mix nos propõe que tenhamos um nome, que seja nosso guia do futuro, pois esta falta de um nome é uma ferida social, antropológica, cultural e histórica que tanto nos machuca. O nome tem o poder de promover valores e compromissos, representa o modo de sentir e compreender o mundo, o nome contém o mundo, nos faz sentir e compreender que fazemos parte de um todo. *Los Cien Nombres*, mais do que uma volta ao passado, devem ser vistos como uma porta aberta para um novo período histórico fundado profundamente na mestiçagem, o barroco cultural latino-americano. A identidade não é uma substância petrificada e definida, mas como a vida, deve ser vista como um gerúndio, um estar sendo, um fazer-se contínuo, é o ser do homem, não o ser em si, mas um ser sempre sendo, no espaço e no tempo. A descoberta da América começa com grandes rupturas de identidades. A formação social latino-americana começa com um grande estranhamento, um *Verfremdung* ou um *dépaysement*. Estranhamento, porque desterro em sua própria terra. Estranhamento em muitos sentidos. Se o estranhamento é perda de identidade, produto do sentir-se estrangeiro em seus próprios pagos, é dele que nasce o desejo de se redefinir. A busca de uma nova identidade nasce da resistência. “En este sentido, la identidad de los vencidos está desde sus orígenes asociada a la revuelta y a la rebelión”, diz Mix. Assim, nossa identidade coletiva deve ser buscada num projeto de futuro. A identidade da América Latina será a que formos capazes de construir coletivamente. ■



Gabriel Garcia Marquez

— & —

*a inconsciente coletivo
Latino-americano*

Cien Años de Soledad, obra magistral do colombiano Gabriel Garcia Marquez, projeta a fantástica visão da América Latina na alegoria de Macondo e a sua história na saga da família Buendía. Macondo não se situa num tempo preciso, tudo se passa num passado remoto e num futuro incerto. ▶



Macondo perde a noção do tempo, o mundo era tão recente que muitas coisas ainda não tinham nome. Era como se fosse um mundo fantástico, onde as coisas tinham vida própria, era só despertar-lhes a alma, dizia o cigano. Perde, também, a noção de espaço, pois se dizia que ir de Macondo à capital era “pouco menos que impossível”. Era preciso muito andar, mas o essencial era não perder a orientação. Perde-se a noção de quase tudo, o que somos, donde viemos, para onde vamos, como se diz “ninguém é de lugar nenhum”. Macondo sofre a doença da insônia que provocava o esquecimento e o jeito para lembrar era colocar etiqueta com nome em tudo. As infinitas possibilidades do *olvido* não afetavam apenas o nome, mas a finalidade das coisas. Assim, Macondo passou a viver uma realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras, mas que também não resolvia o problema quando se viesse a esquecer o significado das letras escritas. Havia que memorizar não só as coisas, mas também os sentimentos. Para que não se perdesse a memória de si mesmo, no portal de entrada foi colocada uma placa que dizia “Macondo” e outra com os dizeres: “Deus existe”. Mas este método era cansativo demais, de modo que se cogitou ser melhor esquecer a realidade real e passar a viver a realidade imaginária. Assim, passou-se a usar as cartas não só para adivinhar o futuro, mas também o passado. Como todos pareciam ter memória curta foi inventada a máquina da memória. Muitos esqueceram que tinham morrido e insistiam em continuar vivendo. A imaginação era tanta, que outros chegaram a esquecer o próprio esquecimento. Havia também quem resolveu regressar da morte porque não suportou a solidão. Macondo não precisava de autoridade porque não havia nada para corrigir. No entanto, na realidade imaginária de Macondo se reproduzem todos os problemas da América Latina: a questão do poder exercido pelos Buendía, a questão da apropriação fraudulenta das terras,

fortunas se faziam rapidamente por mera casualidade, as guerras e o confronto caricatural de ideologias, onde nada parece mais parecido aos liberais que os conservadores. A única diferença importante entre eles era que os liberais iam à missa das oito e os conservadores frequentavam a missa das dez, ou vice-versa, o exercício discricionário do poder, o vazio do poder judiciário, a banalidade do fuzilamento, a promiscuidade entre a Companhia Bananeira e as autoridades, o exército caça todos os líderes sindicais e metralha todos os grevistas, mas isto é desmentido pelo governo até cair no esquecimento, enfim, nossa história contada pelos vencedores. Em Macondo tudo assume uma duplicidade, real e fantástica, as guerras, de tanto iniciar-se e repetir-se, perdem seu próprio sentido, as causas que as motivaram se perdem na memória e já não se sabe porque se peleia tanto, os armistícios descaracterizam completamente os motivos das guerras, os combatentes mais valentes e autênticos são fuzilados por alta traição, tudo vai e volta. Macondo, por um lado, parecia uma grande família, onde todos tinham laços de parentesco e viviam muito tempo sem governo e sem lei, os liberais eram os revolucionários, que lutavam contra três coisas: pela revisão dos títulos de propriedade, contra a influência clerical e pela igualdade entre filhos naturais e legítimos. Macondo, como nossa América latina, vive uma realidade fantástica, onde a população já não sabe distinguir os limites entre o real e o imaginário. Em Macondo, “não se morre quando se precisa, mas quando se pode”, um dilúvio que dura quatro anos, onze meses e dois dias, faz perder o “sentido da realidade, a noção do tempo”. Macondo se transforma “num paraíso de desastres”. Ficou tão difícil pensar no futuro como era difícil carregar o peso de tanto passado. A doença do esquecimento sai da metáfora e entra na realidade verdadeira, no esforço de passar de geração para geração a memória da mancha, o desastre do dilúvio e a sua decadência. Macondo evoca a fantástica profundidade do inconsciente coletivo latino-americano. ■

Alejandro Carpentier

A PRIVAÇÃO DA DEMOCRACIA
NOS PAÍSES LATINO-AMERICANOS

E *l recurso del método*, romance histórico do cubano Alejo Carpentier, parafraseando o cartesiano *discurso do método*, expressa a pessimista visão política dos países latino-americanos e levanta a voz de seus povos, privados de liberdade e democracia. ►



O recurso do método relaciona história e ficção para traçar um painel sociopolítico e cultural da América Latina, através da saga de um tirano latino-americano, não identificado, que poderia ser tanto um argentino Rosas, o Dr. Francia, vitalício ditador do Paraguai, Porfirio Díaz do México, Estrada Cabrera, da Guatemala, Vicente Gómez da Venezuela, ou qualquer dos tantos que aqui proliferaram. Não importam seus nomes, seu país, nem o tempo da sua tirania, interessa seu método comum na violenta e metódica repressão, que tantos ditadores latino-americanos praticaram contra seus povos, abafando sua voz e seus gritos por autonomia e liberdade. Interessa sua aliança interesseira e oportunista com o imperialismo norte-americano, que veio substituir o britânico, com a *United Fruits*, ou qualquer outra bananeira companhia, que explora a América Central, ou as mineradoras multinacionais, que ainda exploram nossas riquezas naturais. A vida política dessas nações sempre foi marcada pela instabilidade econômica, pela violenta submissão das massas populares e pelo predomínio das oligarquias rurais. A ignorância a que foram submetidos seus povos e a corrupção política propiciavam o surgimento de caudilhos, que se perpetuavam no poder, como tiranos, espalhados pelos rincões de toda esta imensa Latino América, apoiados em exércitos regionais, sempre aliados aos interesses do latifúndio e do capital estrangeiro. Esses caudilhos transformam-se em ditadores que, muitas vezes, permanecem por décadas no poder. Como diz o tirano real e fictício de Carpentier: “se meu país goza de paz e prosperidade, foi porque meu povo, mais inteligente, talvez, que outros do continente, foi sábio em reeleger-me três, quatro - quantas vezes mesmo? Meu povo aprendeu cedo que a continuidade no poder era uma garantia de bem-estar material e equilíbrio político”. No entanto, o fato é que, sem o apoio

político americano, o tirano não sobrevive. A ameaça permanente de intervenção ajudava a manter o alinhamento dos tiranos governos de acordo com os interesses dos norte-americanos, sob pena de perderem o poder. Enquanto isso, o povo continua sem informação, a não ser quando, de tempos em tempos, a censura interna era violada pela imprensa estrangeira, como na memorável reportagem do New York Times, relatando a repressão policial e as torturas, esclarecia o mistério de certas desapareições, denunciava assassinatos que ainda eram desconhecidos e a implacável bancarrota a que fora levado o país. As revoltas populares costumavam multiplicar-se, mas eram sempre reprimidas com violência e muitas mortes, que era para incutir o temor na população. E, quando um ditador já não mais interessava, lá vinha o Embaixador americano dizer, “não vim aqui para discutir, mas para lhe dizer que as forças vivas de seu país, jovens idealistas e democráticos, apoiam um novo líder, que também apoiamos. É a hora de ir-se, Senhor!” ■

Alejandro
Carpentier
e

A PRIVAÇÃO DA DEMOCRACIA
NOS PAÍSES LATINO-AMERICANOS



Miguel Angel Astúrias

— & —

A NARRATIVA DOS REGIMES
DITATORIAIS
na América Latina



— ★ —

El *Señor Presidente*, romance do premiado escritor guatemalteco, Miguel Angel Astúrias, continua a temática dos regimes ditatoriais latino-americanos narrados no romance de Carpentier. Agora, a situação analisada é a ditadura sangrenta de Manuel Estrada Cabrera, na Guatemala, seu país, também dominado pela companhia bananeira *United Fruits*. ▶

— ★ —



O romance de Astúrias retrata um complô contra a segurança do Estado, atribuído ao General Canales, que era apoiado por políticos, intelectuais e estudantes, na oposição que faziam ao regime vigente. O próprio Astúrias viveu as consequências desse regime cruel. Após a queda do General Ubico, Astúrias atuou como diplomata nos governos reformistas, que tentaram liberar a Guatemala dos militares, do latifúndio e dos trustes estrangeiros, mas quando sobreveio o novo golpe do General Castillo Armas, em 1954, apoiado pela *United Fruits* e pelo Secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, Astúrias teve novamente que se exilar. O tempo do romance é o dos regimes de Cabrera e de Ubico e o lugar é a Guatemala, mas pode ser o tempo de qualquer regime militar latino-americano, em qualquer um de nossos países. O terrorismo de

Estado, com requintes de crueldade, sempre tem seus efeitos psicológicos, o medo do tirano e de seus auxiliares, que reduziram a nação ao lamentável “estado de porcaria sangrenta”. A política aparece sempre como algo que subjuga e escraviza os homens e não que os liberta e emancipa. O cenário é tomado por cenas de guerra, onde patrulhas de soldados arrastam presos políticos pelas ruas, seguidos pelas mães e mulheres, que fazem longas vigílias nas portas dos presídios, ávidas por notícias de seus familiares. O palhaço, fugindo pelas ruas enlouquecido, no paroxismo do espanto, o mendigo Mosquito, torturado sem dó nem piedade, para confessar o que não tinha feito, nem visto, nem ouvido e o que não sabia, assim o mal parecia não ter remédio, nem fim. A primeira noite num calabouço é terrível, o prisioneiro se sente na sombra, quase ►



fora da vida, num pesadelo, as paredes desaparecem, o teto se distancia, perde-se o chão, mas a alma não se sente livre, quase morta está, pobre mãe, ouvindo o choro do filho, sem poder dar-lhe o peito, exaurindo-se de fome, sem forças pra chorar, sem mais lágrimas para derramar, até que confesse ter ajudado na fuga do General, com o filho sem vida nos braços, verdadeira tumba viva do próprio filho. Pobre do sacristão, analfabeto de não saber ler, também tinha sido preso devido ao ultrajante crime, que tinha cometido, de trocar por engano o cartaz da porta da igreja, em vez de tirar o do anúncio da festa da Virgem, tirou por engano, o do aniversário da senhora mãe do *Sr. Presidente*. Será este regime a mentira de todas as coisas reais e ou a realidade de todas as ficções, *Sr. Presidente* Constitucional da República, *Sr. Presidente*, mui ilustre protetor das classes necessitadas, Benemérito da Pátria, Chefe do Grande Partido Liberal? *Sr. Presidente*, reclamar do que, se sua lei é muito clara e muito justa: “tudo o que pode desacreditar meu governo deve ser punido”. Mas, *Sr. Presidente*, por que não está o povo à altura de seu governo, gritam os bajuladores, bem que um homem como o senhor merecia governar um povo melhor que o de seu país, um povo culto e inteligente como o da culta França ou da livre Suíça, da industriosa Bélgica ou da maravilhosa Dinamarca. O *Sr. Presidente* seria o homem ideal para guiar os destinos do povo de Gambetta e de Vitor Hugo”. Mas que país é esse, *Sr. Presidente*, onde pertencer à polícia Secreta é a profissão de mais futuro? As cenas de tortura dominavam a rua, à plena luz do dia, que era para todos poderem ver, mas todos fingiam que não viam, no entanto não passou despercebido ao arguto e atento olhar, quando da janela do Palácio Episcopal, uma mão com o anel de ametista absolvía o infortunado moribundo de todos os seus pecados e abria-lhe o Reino dos

Céus. Nesse regime, ninguém podia confiar em ninguém, até o homem de maior confiança do *Sr. Presidente* era acusado de ajudar na fuga do General Canales, o mais odiado inimigo, “salve-se, general, porque a morte o espera, não pergunte a si mesmo se é culpado, pois de nada vale ser inocente, pergunte apenas se conta ou não com a proteção do *Sr. Presidente*, general rebelde, a caminho do exílio, deixando para trás as desgraças de seu país, até quando continuarão os militares colaborando com esse regime, manter no poder um bando de ladrões de terras, de liberdades, de bens e de mulheres, que se prendiam e matavam os desafortunados, *Sr. Presidente*, para ficar com suas viúvas, o senhor sabia que nos julgamentos a longa sentença já vinha pronta e a defesa do acusado, por temer o *Sr. Presidente*, pedia a condenação do réu, todos já sempre sabiam que a regra do *Sr. Presidente* era não dar esperança a ninguém, a morte era sua melhor aliada. ■



Júlio Cortázar

A VISÃO CRÍTICA DAS
ESQUERDAS LATINO-AMERICANAS

El *Libro de Manuel*, último romance do escritor argentino, Júlio Cortázar, tem como tema as revoluções latino-americanas, que buscam a libertação continental dos regimes militares que proliferam e também da ingerência estrangeira que dá suporte a esses regimes repressivos. Cortázar expressa suas posições e compromissos com a realidade social e política da América Latina, mas ao mesmo tempo manifesta sua decepção com o processo revolucionário cubano e com a ação das esquerdas empenhadas em organizar a revolução continental. ►





Os protagonistas deste romance são um grupo de amigos militantes latino-americanos, que vivem em Paris, aos quais também se juntam franceses, todos empenhados em discutir a situação política da América Latina, organizar a resistência aos regimes militares e a militância política revolucionária. O fio condutor do romance é a elaboração coletiva de um livro dedicado ao menino Manuel, filho de dois desses militantes, uma espécie de cartilha de referências políticas, feita de recortes de jornais latino-americanos e franceses, para que ele possa orientar-se no futuro sobre a América Latina. *El Libro de Manuel* foi criticado, tanto por expressar uma visão crítica às esquerdas latino-americanas e seus sonhos revolucionários, como pela tentativa de unir literatura e política numa mesma obra literária. Cortázar, no entanto, procura encontrar o necessário equilíbrio entre o existencial e o político na vida das pessoas, negando-se a excluir tanto um como o outro. Ele mesmo afirma, numa nota introdutória ao seu romance, que “se durante anos escrevi textos vinculados a problemas latino-americanos, romances e relatos, em que esses problemas estavam ausentes, ou só assomavam tangencialmente, hoje e aqui, as águas se juntaram, mas sua conciliação não teve nada de fácil, como talvez o demonstre o confuso e atormentado itinerário de algum personagem”. Ele procura revelar “o código dessa convergência de atividades até então díspares”. Para isso, à medida que a história se desenrola, Cortázar procura fazer os personagens participarem dessa leitura cotidiana de jornais e assim escreverem *El Libro de Manuel*. Mais do que nunca, afirma ele, “acredito que a luta em prol do socialismo latino-americano deve enfrentar o horror cotidiano com a única atitude que um dia lhe dará a vitória: cuidando preciosamente, zelosamente da capacidade de viver tal como a queremos para esse futuro, com tudo que supõe de amor, de brincadeira e de

alegria.” O que conta, para ele, é a afirmação vital do homem, sua sede erótica e lúdica, sua libertação dos tabus, seu protesto por uma dignidade compartilhada, numa terra já livre deste horizonte diário de tentáculos e de dólares. A discussão, muitas vezes acalorada, faz aumentar a tensão entre o grupo de jovens militantes. Os dilemas da situação se expressam no sonho de Andrés, que se vê como numa montagem de um filme, quando se dá um corte e nesse corte acontece alguma coisa, e de repente se dá conta de que tem uma missão a cumprir, mas não tem a menor ideia de que missão é essa, tem que fazer algo, sem perda de tempo, a sensação é de se sentir ao mesmo tempo dentro e fora de um filme de mistério. O livro não deixa de também fazer sua crítica à posição da Igreja Católica face aos regimes militares e à tortura dos presos políticos. Cortázar não se manifesta contra a revolução política, mas apenas a julga insuficiente e insustentável, se a mesma não for acom- ▶



panhada de uma revolução cultural e linguística, que seja capaz de subverter a linguagem e os códigos que comandam os costumes, os preconceitos e as posturas conservadoras, incompatíveis com os desejos de mudança da realidade cotidiana das pessoas. É preciso mudar a linguagem, pois ela esconde uma noção de realidade, uma visão das coisas. Para mudar a realidade há que mudar a linguagem, pois é na linguagem que se guardam conceitos e preconceitos, tabus, os valores da ordem vigente. Uma revolução da ordem social e política exige uma reelaboração da linguagem, pois a linguagem corrente está ligada a um sistema que policia as condutas. É muito difícil quebrar o sistema que vem de muito longe e abarca demasiadas coisas, a liberdade de uma pessoa não tem forças, é uma mínima variação de uma mesma dança. Necessário se faz caminhar em direção a uma nova linguagem simbólica, que possa ser aplicada mais além ou mais aquém da ciência, que envolva a poesia e o

erotismo até, de tudo o que já é pura sêmola nas putrefatas palavras do supermercado planetário. É necessário criar uma nova linguagem do desejo humano e da esperança. As revoluções binárias se condenam antes de vencer, porque aceitam a regra do jogo e acreditam quebrar tudo, mas seria necessário quebrar a noção de eficácia do adversário, porque nos condena a aceitar seus quadros semânticos e estratégicos, seria necessário negar-se a aceitar as estruturas esperáveis e lógicas. É preciso surpreender o inimigo, como numa praça de touros, quando o toureiro espera que venha o touro, aparece um tremendo gorila e, então, o valente toureiro e sua quadrilha vão ficar sem saber o que fazer. É preciso quebrar a lógica semântica do sistema, por que as palavras têm uma força terrível. Na verdade, tudo tem que ser inventado novamente, até o amor. *El Libro de Manuel* deixa uma pergunta no ar: como será o mundo latino-americano que o menino Manuel encontrará, quando crescer? ■



João Guimarães Rosa & _____

O UNIVERSAL DO REGIONAL

Grande Sertão: veredas, do brasileiro João Guimarães Rosa, que tão só brasileiro parece ser, em seu profundo regionalismo de conteúdo e de forma, transborda os limites regionais e faz dele uma obra de valor universal, pois o sertão é grande, "o sertão é o mundo", o sertão é, sim, também profundamente latino-americano. O universal e o latino-americano estão na alma do sertão, nas formas de Guimarães Rosa descrever a vida sertaneja, os costumes e os valores do homem que ali vive. ►



sertão, enquanto espaço natural e cultural do sertanejo é o fio da meada, o pretexto para o autor analisar a universalidade do homem e do mundo. O regional sertanejo é o universal humano, “o sertão é dentro da gente, “o sertão está em toda parte”. Muitos sertões moram no *Grande Sertão*, nos latinos *Riobaldos* e no seu linguajar, o senhor tolere, que situado sertão é pelos campos gerais a fora, o fim de rumo, aqui não é dito sertão, pois que tem maior lugar que esse, sertão é onde os pastos carecem de fechos, onde um pode andar dez, quinze léguas, sem topar casa de morador. Sertão é onde criminoso vive seu “cristo-jesus”, arre dado do arrocho de autoridade, os *gerais* são sem tamanho, sertão é onde cada um o que quer aprova, sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar, eu digo sempre que viver é muito perigoso, digo também que o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe pra gente é no meio da travessia. Essa vida do sertão, tão cheia de ocultos caminhos, pro jagunço coragem e munição não faltam, mas a verdade que diga, ele mesmo acha que não tinha nascido para aquilo, de ser jagunço não gostava. Pois o senhor anote, a vida vera é outra, no sertão, em qualquer lugar, o jagunço vai pros gerais com mão de justiça, que essa vida é de cabeça pra baixo, tudo em cada banda que se vá é pessoas matando e morrendo, se o jagunço é homem bom, perguntei, mas se é valente deverá de ser bom, me responderam, que procura fazer justiça com muita valentia, viver é um negócio muito perigoso, no sertão. Explico ao senhor: o diabo vige é dentro do homem, homem arruinado, homem às avessas, o mal campeia em todo lugar, eu vi até raças de pedra venenosa jazendo em fundo de poço, o diabo dentro delas dorme, o demo tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear, o diabo na rua, no meio do redemoinho, ele tá misturado em tudo, seria o demo o responsável por todos os males, tudo é e não é, o senhor não duvide, tem gente nesse mundo que mata só pra ver al-

guém fazer careta. Mas, estatuto meu é diferente, decidi que não se entrasse com bruteza nos povoados, nem se amolasse ninguém, sem razoável necessidade, se servisse das mulheres com moderação, porque destruir vida, à toa, de homem bom trabalhador, eu queria era limpar esses gerais da jagunçagem, o senhor faça o que queira, há de estar sempre em cima do sertão, o senhor não creia na quietação do ar, porque o sertão se sabe só por alto, tanto ele ajuda com enorme poder, tanto é traiçoeiro muito desastroso. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias, Deus mesmo, quando vier, que venha armado, o senhor sabe o perigo que é viver, sertão é isto, histórias de vingança, amores e perseguições, lutas pelos sertões, querendo justiça que a autoridade não provia, nos sertões de Minas, Goiás e da Bahia, se o demo não existe, sou homem soberano, se demo não há, existe o homem que for, no sertão, quem desconfia, fica sábio, sertão é onde fazendeiro ►



graúdo se reina mandador, dono de agregados valentes, turmas de trabuco e carabinas, na extrema de cada fazenda, um sentinela, que vigia feito onça, cada lugar é só de um grande senhor. No sertão, homem justo até que havia, que se ia por aí a impor justiça, ninguém era capaz de tomar conta deste sertão, jagunço é homem já meio desistido de si, jagunço e fazendeiro, o que queria era comer, beber, apreciar mulher, brigar, o que não é Deus é demônio, Deus existe mesmo quando não há, mas o demo não precisa de existir para haver, a gente pensando que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo, o inferno é um sem fim que nem se pode ver, a gente quer céu é porque quer fim, pessoas e coisas não são de verdade. Mas o sertão não é longe, sertão é dentro da gente, sertão é sozinho, sertão é sem lugar, sertão sou eu, no sertão, o que parece doideira ou sem razão de ser é a mais certa razão e o mais justo juízo, o que parece ser só mentira, também pode ser a mais pura verdade, no sertão não conta nem a partida nem a chegada, só vale a travessia. O sertão tá vazio, só boi e campo, boi e campo, sem fim, quanto mais se anda, querendo pessoas, mais se entra no caminho do vago, mas não esqueça, eu sou donde eu nasci, sou de outros lugares, sertão é o mar sem fim, mas me diga o senhor, a vida não é coisa terrível, tristonha história de tantas caminhadas e vagos combates, sertão é sozinho, é dentro da gente, os dias que são passados vão indo em fila para o sertão, sertão é jagunço, todo caminho da gente é resvaloso, o sertão tem medo de tudo, o grande sertão é a forte arma, Deus é o gatilho, o que será vai ser ou vai não ser, nem não sei, saiba o senhor, avistei meus perigos, ali eu não me formava pessoa, o que é isso que a desordem da vida sempre pode mais do que a gente, vi a morte com muitas caras, por lá a esperança não acompanha, homem sozinho, a pé, esses gerais comem. Sorrateiro, o sertão vai virando tigre debaixo da sela, sertão se diz quando a gente procura não encontra e quando a gente não espera o sertão vem, o que

imponho é educar e socorrer as infâncias desse sertão, triste é a vida de jagunço, o senhor nem não diga nada, que vivo no existir dessa gente do sertão, ando por aí com meus homens trazendo glória e justiça nos Gerais. O sertão é bom, tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado, o sertão é confusão, em grande demasiado sossego, sertão foi feito é pra ser sempre alegrias, sertão de terras deserdadas, desdoadas de donos, ►



se aquela mulher não tinha valia, como e que era de tantos homens, perguntei, o sertão não chama ninguém às claras, até a cena nele se esconde, o sertão é traiçoeiro, de repente o sertão parece calmo, de repente o sertão se estremece, sendo possível o que não foi, os gerais planos de areia, cheios de nada, tudo aqui cumpre essa regra, primeiro antes teve o começo e aí teve o antes do começo, porque aprender a viver é que é o viver mesmo. No *Grande Sertão*, nas suas *veredas*, há de tudo, pra quem quiser ver, mas o que mais há nele é o homem, o homem mesmo, sem ser brasileiro, paraguaio, argentino, o homem latino, homem a mercê de seu destino, o mundo do sertão não é só sertão, o sertão é complexo de relações sociais, que se estabeleceram historicamente, e nesse interiorermo foram ficando, mesmo sem viva alma nesses confins, de muitos no-

mes, os gerais, os chapadões, mas podem ser os pampas argentinos, os altiplanos bolivianos, os chilenos Andes andinos, o traçado do sertão vive mudando se movendo de lugar em lugar, o sertão se universaliza, ele se movimenta todo tempo, misturando lugares, realidades históricas e locais, o sertão é o lugar do atraso e do progresso, é onde o arcaico e o moderno andam enredados, sertão é onde vige o sistema jagunço, cheio de significados sociais, políticos e culturais, relações de dominação, dominadas de violência, donde reina o clientelismo, o mandonismo, onde só domina poder privado, que poder público lá ainda não chegou, é onde vale a tradição, é onde as dimensões sociopolíticas extrapolam os limites da geografia, é ali onde se situa o *grande sertão, veredas*. ■



*L*as venas abiertas de América Latina, do uruguaio Eduardo Galeano, aborda uma dimensão essencial da história da América Latina desde a colonização até os dias atuais. O sangue índio derramado minou a resistência e abriu as portas do continente à exploração estrangeira. ▶

*Eduardo
Galeano* & _____
**OS 500 ANOS DE
EXPLORAÇÃO HISTÓRICA
DA AMÉRICA LATINA**



Os grandes interesses que o livro contrariou ficaram claros na censura que o mesmo enfrentou em muitos países, como Argentina, Brasil, Chile e Uruguai durante os regimes militares desses países. O livro de Galeano expõe sua visão de que, através das veias abertas da América Latina passaram 500 anos de exploração histórica, onde se praticava e ainda se pratica a pilhagem e o saque de ouro, prata, diamante, açúcar, café e vidas humanas. Para ele, o mundo parece que foi dividido em dois, o dos ganhadores e o dos perdedores. América Latina representa sempre o lado perdedor, a tal ponto que até o direito de se identificar como América foi perdido, pois os americanos do Norte reivindicaram o direito exclusivo de se denominarem de América. Foi-lhe usurpado o nome e o direito de se autodeterminar, pois tudo parece determinado de fora. Na engrenagem universal do capitalismo, tudo se encaixa numa cadeia de dependências sucessivas e infinitas, desde a Metrópole, a opressão dos países maiores sobre os menores e internamente a opressão das grandes cidades dentro das fronteiras de cada país. Todas as potências externas são como sanguessugas. Os usurpadores se sucedem, primeiro Espanha e Portugal, depois a Inglaterra, e agora, os Estados Unidos. Parece que a América Latina não tem história própria, apenas história determinada pelos outros. O próprio processo de desintegração, primeiro, e de reintegração, depois, são definidos a partir de fora. Hoje, o imperialismo norte-americano decide “integrar para reinar”, do mesmo modo que, no passado, o império britânico procurou “dividir-nos com os mesmos fins”. Como podemos integrar nossos países se eles ainda não estão integrados internamente? Para Galeano, as veias abertas são as chaves da história passada, que contribuem para explicar nossa a história presente e também nossa história futura. ■



Graciliano Ramos

A REPARTIÇÃO DA TERRA
NA AMÉRICA LATINA.

V

idas Secas, clássica obra do brasileiro, Graciliano Ramos, mais imagem do que escrita, quanto se lê parece estar-se vendo um filme, tão reais são suas palavras. ▶



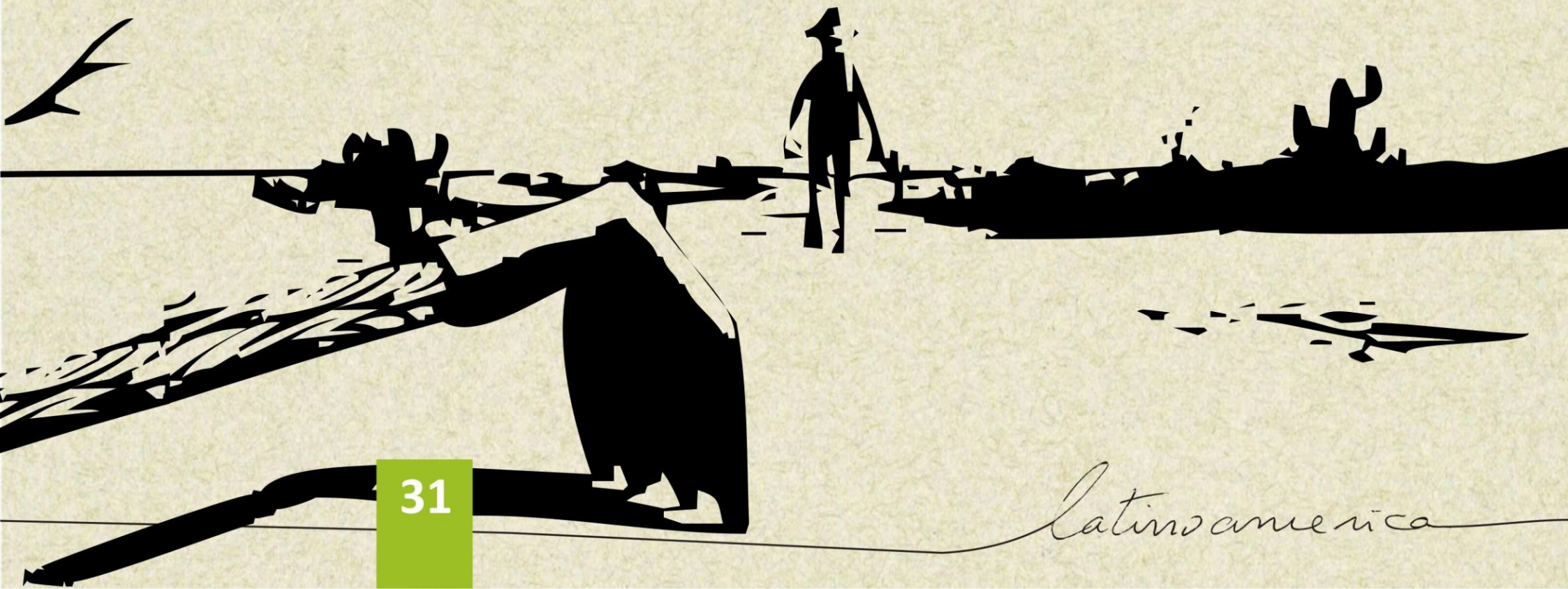
N

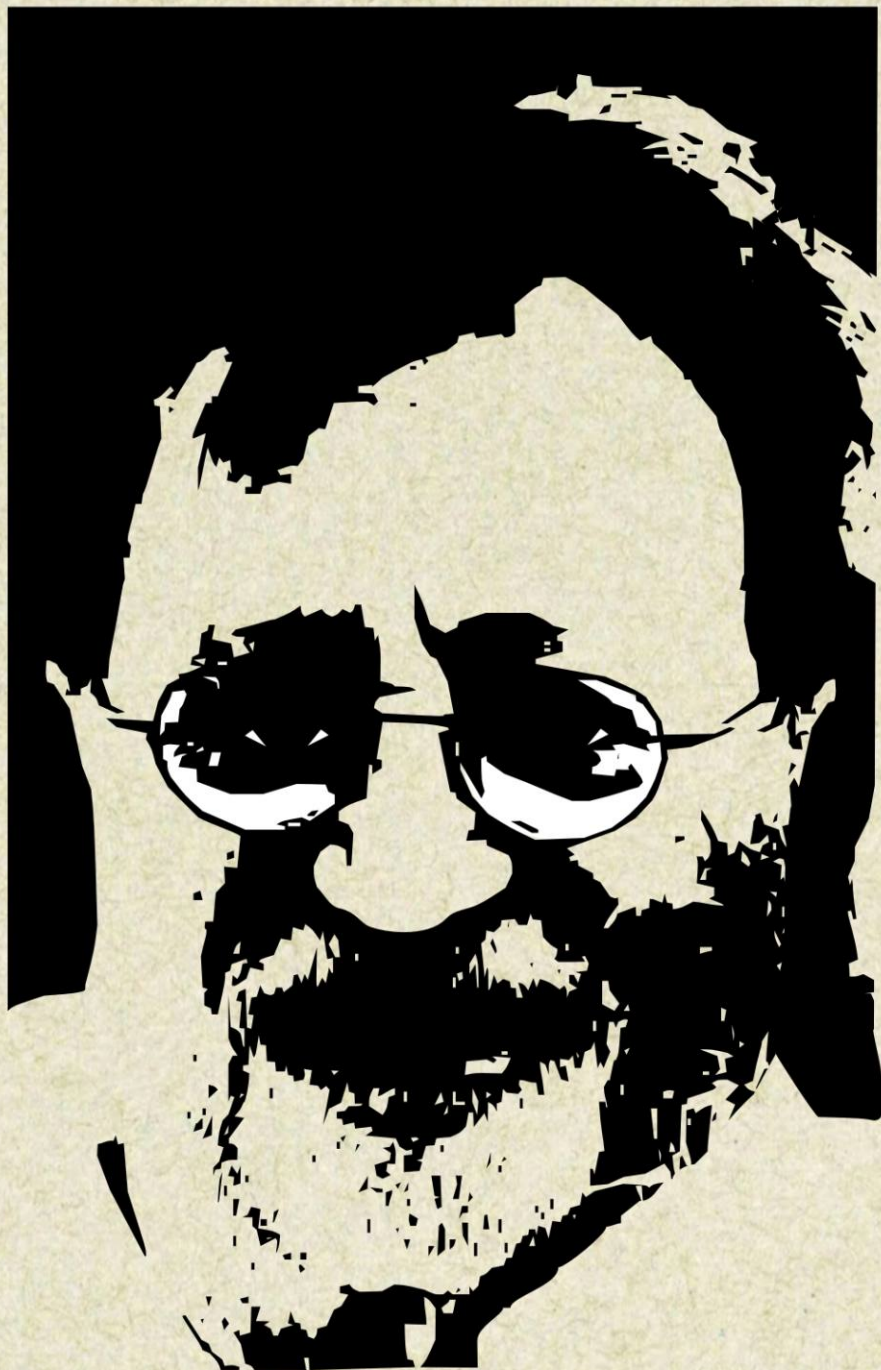
o começo e no fim, andam os retirantes, em retirada, primeiro a *mudança*, em busca de um lugar pra sobreviver, e por último, a *fuga*, sem destino, “dali se afastavam rápido, como se alguém os tangesse”, ora o que se tange é gado e não gente, o drama da *mudança* se repete na fuga, aquelas *vidas secas* não andavam, elas se arrastavam nos seixos como bois doentes dos cascos, os humanos bestializados ali se misturavam à humana cachorra Baleia, uma pessoa da família quase parecia, a doença, o rosário de sabugos de milhos queimados no seu pescoço, o imaginário da milagrosa cura, e a dor do sacrifício, tudo ali se mistura, numa viva simbiose se movendo naquela secura do sertão. Inicialmente somos levados a pensar apenas na geografia e nas condições climáticas como se fossem os únicos responsáveis por aquele quadro desenhado por Graciliano com tanta economia de palavras. A família de Fabiano, sua mulher e seus dois filhos, mais a cachorra Baleia, que também quase humana se havia tornado, pela afeição mútua e pela privação de alimentos, que também sofria, aqueles retirantes, logo aparece, que não era apenas o sol escaldante e o sertão que secavam suas vidas de sentido. As condições econômicas e sociais, a repartição da terra e a partilha da plantação, a carência de justiça, a prepotência e o desmando dos governos, a falta de escolas e de educação, as condições de saúde, tudo isso se somava pra explicar a secura daquelas vidas. O que move os personagens dessa novela parece ser apenas o fenômeno da seca, mas isto só parece, porque essa aparência esconde, ou escancara a essência da realidade, a questão da terra, tão universal nesta imensa e diversa América Latina, quase toda história se passa numa fazenda, onde tudo é do fazendeiro, inclusive a produção produzida pelo trabalho do sítiante, que por regras estabelecidas se transfere ao dono da terra, pro trabalha-

dor só fica a dívida, que por ser impagável alimenta a fuga do camponês, de madrugada, pra que o patrão não os aprisione mais naquela terra de escravidão disfarçada. Junto com a seca e a questão da terra, tem também a questão do poder, espelhado na prepotência e arbítrio do soldado amarelo, que sem motivo trancafia o pobre Fabiano, sem defesa, na cadeia da cidade. Aqui, o cenário é o sertão nordestino, mas a realidade é essencialmente latino-americana. Os retirantes não fugiam apenas do fogo do sertão, andavam como sombras, em plena luz do dia, por entre os mandacarus, que cobriam a campina. Fabiano matutava muito antes de responder, com medo de cometer alguma impropriedade no falar, que nem palavras tinha para se expressar, os pés calosos, duros como cascos, por que não haviam de ser gente como a gente, por que não havia de haver um lugar onde pudessem viver como gente, ou como a gente vive, se o mundo era grande, como diziam, se o sertão fim não tinha de tão imenso que era, porque não tinha lugar pra morar, se não tinha escola, o que iam fazer os filhos, quando crescessem, vaquejar seria seu destino, longe da catinga, rios secos, só o verde dos mandacarus, espinhos, bicho e gente morrendo, os urubus completavam o quadro da desgraça, pra lá dos montes e das planícies, não haveria um outro mundo, um sítio que fosse, um pedaço de terra desconhecida, iriam se retirando sempre pra diante, não dava pra sonhar, nem uma cama com lastro de couro em vez de lastro de pau, o sonho de Sinhá Vitória, andavam sempre para o sul, metidos sempre naquele sonho, os filhos na escola seriam diferentes deles, já dois velhinhos, acabados como cachorros inúteis, e o sertão que era muito mais que sol e areia, ele era gente, propriedade, sociedade, autoridade, injustiça, arbitrariedade, não só geografia e clima, era produto do homem, o sertão era uma ►

instituição, que produzia as *Vidas Secas*, aqui, ali e em qualquer lugar, o sertão é universal. Fabiano, como qualquer outro latino-americano, não era um homem, vivia na terra dos outros, cuidava das coisas dos outros, não tinha nada, nem vida de gente, ele que sempre tinha obedecido, só sabia obedecer, embora na festa todos pareciam que eram iguais, mesmo que disfarçando as diferenças, inimigos invisíveis, até Baleia, que se tornara uma pessoa da família, poderia acordar feliz num mundo cheio de preás. Os retirantes sobreviventes das *Vidas Secas* poderiam estar perambulando como sombras em qualquer tempo e em qualquer lugar de nossa imensa e diversa Latino América, sua temática regional se universaliza. As *Vidas Secas* perderam o sentido da vida, secaram as

Fontes do seu viver, mas não foi só a seca do sertão, foi sobretudo a falta de condições de vida, a falta de um pedaço de terra, que lhe desse sustento, que garantisse aos meninos, Vitórias e Fabianos latino-americanos, que a plantação que plantaram não fosse recolhida pelo dono da terra, que a partilha dos frutos da terra fosse ao menos mais justa, já que a partilha da terra não fora. *Vidas Secas* de justiça, que a prepotência das altas autoridades, que a arbitrária ação do soldado amarelo, que prende sem razão o indefeso camponês aqui no sertão e em lugar qualquer. *Vidas Secas* de palavras, que faltam para expressar os sentimentos mais profundos e universais dos viventes, quem não tem palavra, que não aprendeu na escola, não tem voz, não tem identidade, não tem nada, só *vidas secas*. ■





*Gentil
Corazza*
— & —

OS HORIZONTES
ABERTOS
PARA AMÉRICA

Nuestra
LATINA

Esta será uma tentativa de esboçar minha própria visão, mais uma síntese dessas temáticas latino-americanas, que uma invenção original, visão que se define a partir de duas perspectivas, uma voltada para o passado e a outra dirigida para o futuro, um passado remoto e conturbado, permeado de contradições, um paraíso de desastres, no dizer do que foi dito, e um futuro incerto e indefinido, talvez promissor, horizontes abertos nas duas direções, que entre si se alimentam, um passado que nunca está enterrado e morto definitivamente, ele pode ser sempre repensado, novos sentidos e significados, que afetam o presente e também o futuro de nossos povos, uma já longa história, antes e depois de mil quatrocentos e noventa e dois, uma trajetória que ainda está apenas começando, quanto futuro pela frente, mas quanto passado pesando na memória, trágica narrativa, vidas e culturas destruídas, perdidas a noção do tempo e a noção de espaço, perde-se o rumo e a noção de quase tudo, quem somos, de onde viemos, para onde vamos, como nos vemos, como nos pensamos, precisamos não perder nunca a direção, fugir para o futuro é nosso destino, América *nuestra* Latina, tanto tempo se passou, *cem anos de solidão*, tanta coisa manipulada, a *descoberta*, uma inventada ideologia pra ignorar tua história verdadeira e as tuas culturas originais, *conquista* e destruição, um mundo novo, *estranho e diferente*, a questão da *identidade*, tão diversa e fragmentada, donde vens *terra nostra*, fusão de outros mundos e tempos passados, raízes de povos ibero-americanos, qual é afinal teu nome verdadeiro, original, *cien nombres* se inventaram, para renomear teus povos, que pra ser *índios* tiveram que deixar de ser *astecas, maias, incas, tupis, guaranis* e tantos outros, o maior genocídio da história da humanidade, requintado mas-

sacre civilizatório, barbárie dos novos bárbaros, cultos e cristãos, em nome de que deus, o das minas de ouro e prata ou o dos céus, quanto sangue derramado, que em vão não tenha sido, pra irrigar o solo árido, desertos, verdes vales, andinas cordilheiras e sertões nordestinos, de onde vieram tantos males que te perseguem, como amaldiçoada maldição, não foi só fome e doença importada, também as piores ditaduras, que democracia não havia na bagagem colonial, *Señor presidente*, tamanha repressão e tanta tirania, pra aplacar a rebeldia e a vontade de autodeterminação dos povos latino-americanos, prisão e tortura, medo incutido na alma, pra tornar natural o que natural não era, a vida e a morte sem razão de ser, o *recurso do método* racional, laboratório de repressão arraigada, povos sem vez, sem voz, sem liberdade, a mudança de verdade tem de ser mais profunda e demorada que uma simples e pontual revolução, é necessário mudar os códigos de nossa linguagem, novo campo de lutas pra quebrar a lógica semântica do sistema conceitual, que mina nossa capacidade de pensar com cabeça própria, está escrito no *Livro de Manuel*, libertar nossas mentes colonizadas, cultivar um pensamento libertário pra romper as cadeias invisíveis que aprisionam nosso coletivo imaginário, povoado de mitos e lendas, heróis e alegorias, que forjam a identidade dos nossos povos, entrelaçando passado, presente e futuro, *terra nostra*, por tuas *veias abertas*, já passaram 500 anos de exploração, pilhagem de ouro, prata, diamante, açúcar, café, veias que continuam sangrando riquezas e cérebros, um novo e puro sangue também, que vem de já longa miscigenação, mais forte, enriquecido, uma nova civilização, tropical utopia de todos os *fabianos, sertanejos* retirantes, *macondos, buendias*, pra todos uma nova cida- ▶

dania, uma nova democracia, radical, política, econômica, social, pra não ter mais *vidas secas*, errantes, tangidas como gado, pelas *veredas do grande sertão*, brasileiro, latino-americano, sertão é mundo, sertão é dentro da gente, tão grandimenso, que um dia o sertão vai virar mar, América *nuestra* Latina, tua identidade verdadeira não está no teu passado, mas no teu futuro, ela ainda é e sempre deverá ser um projeto coletivo em construção. ■



Referências

ASTURIAS, Miguel Ángel. El señor Presidente. México: Costa-Amic Editorial, 1946.

CARPENTIER, Alejo. El recurso del método. 1. ed. Havana: Alianza, 1974.

CORTÁZAR, Julio. Libro de Manuel. Buenos Aires: Alfaguara, 1973

FUENTES, Carlos. Terra Nostra. México: Joaquin Mortiz, 1975.

GALEANO, Eduardo. Las venas abiertas de América Latina. Montevideo: Catálogos, 1971.

GUIMARÃES ROSA, João. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

MARQUES, Gabriel G. Cien años de soledad. Buenos Aires: Sudamérica, 1967.

MIX, Miguel R. Los cien nombres de América Latina. Sangolquí: Politecnica, 2009.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORAZZA, Gentil, SOUZA, Nilson, CRUZ, Clara (org.). AMÉRICA LATINA: olhares e perspectivas. Ed. Insular: Florianópolis, 2014.

latinoamerica